

# **NOTA SOBRE MARX E O PROCESSO DE TRABALHO NO FINAL DO SÉCULO**

Benedito Rodrigues de Moraes Neto<sup>(\*)</sup>

## **RESUMO**

Este artigo procura discutir como a mudança provocada na fábrica taylor-fordista pela nova automação, de base microeletrônica, afeta a análise marxista do processo de trabalho capitalista. Para o desenvolvimento do raciocínio, buscou-se resgatar a natureza conceitual do processo de trabalho capitalista segundo Marx, e, a partir daí, verificar em que medida essa natureza conceitual ajustar-se-ia à indústria taylor-fordista e à indústria dotada do mais elevado grau de automação. É a partir dessa caracterização de natureza conceitual que se pode avaliar a força ou a fraqueza teórica de Marx para efeito da análise da evolução histórica do processo de trabalho.

## **1 Trabalho, progresso técnico e o enterro de Marx no final do século**

Na famosa tríade de capítulos de O Capital – Cooperação, Manufatura e Divisão do Trabalho e Maquinaria e Grande Indústria -, Marx explicita sua visão sobre o movimento de ajuste das bases técnicas à forma social capitalista. Nesse movimento teórico, é fundamental a questão da desqualificação do trabalho ao longo do desenvolvimento tecnológico: no caminho da cooperação simples, com sua prisão à forma artesanal, até a maquinaria, passando pela manufatura, radicalizar-se-ia um movimento de desqualificação do trabalho, o que teria importantes desdobramentos em termos de controle do capital sobre a classe trabalhadora. A evolução dos processos de produção levaria, portanto, a uma homogeneização do trabalho simples, ou seja, do trabalho desprovido de conteúdo, momento fundamental do processo de alienação do homem relativamente ao trabalho, cujo conteúdo teria sido retirado como uma exigência da forma capitalista de dominação. Essa análise de Marx, que foi realizada sobre a experiência histórica do século XIX, avançaria ao longo do século XX. A força teórica de Marx manifestar-se-ia na capacidade de incorporar em sua análise os movimentos mais importantes do processo de trabalho industrial do século XX, com destaque para o taylorismo e o fordismo.

O recurso a citações de autores bastante conhecidos vem em auxílio à idéia de que Marx teria sido um competente antecipador de um fenômeno típico do século XX, o taylorismo–fordismo. Isto seria muito caro aos marxistas, na medida em que mostraria a profundidade da análise de Marx, ou seja, a sua capacidade de incorporar todos os movimentos que se verificariam ao longo do século XX. Iniciemos com Benjamin Coriat:

*“Tudo o que Marx anuncia em relação às características especificamente capitalistas do processo de trabalho (parcelamento de tarefas, incorporação do saber técnico no maquinismo, caráter despótico da direção), o realiza Taylor, ou mais exatamente, lhe dá uma extensão que até então não havia tido” (CORIAT, 1976, p. 107)*

A noção de que o taylorismo significaria uma ilustração privilegiada da análise marxista do processo de trabalho tipicamente capitalista levou Robert Linhart a fazer uma afirmação extremamente relevante do ponto de vista teórico:

*“Numa análise do modo de produção capitalista ‘puro’, a ‘organização científica do trabalho’ de Taylor é a que se encontra melhor colocada para encarnar o processo de trabalho capitalista, reconduzido à sua essência.” (LINHART, 1977, p. 89)*

É bastante forte essa afirmação, pois implica em que a essencialidade do processo de trabalho capitalista estaria incorporada à perfeição na proposta do taylorismo.

Um outro passo no processo de trazer Marx para o século XX tem a ver com o fordismo, com o fenômeno do taylorismo levado quase à perfeição por Henry Ford, nas suas tentativas – bem sucedidas – de produção em massa do automóvel. O resultado das experimentações de Ford, a fábrica fordista, poderia ser chamada de “grande indústria por excelência do século XX”. Isto se desdobra da consideração de que o taylorismo – fordismo possuiria uma conotação genérica: o

processo de trabalho na grande indústria adquiriria, de maneira geral, uma natureza fordista, como corolário da própria produção em massa. Este processo de produção em grande escala através do recurso das linhas de montagem constrói portanto um conceito de grande indústria por excelência, como se tivéssemos então a concretização histórica da visão marxista da grande indústria. Essa grande indústria, construída a partir de um processo de desqualificação profunda do trabalho, e empregadora de grande quantidade de trabalhadores, teria gerado o que Fergus Murray chamou de “mass-collective worker”. (MURRAY, 1983). Essa grande indústria, que poderíamos chamar de “taylor–fordo–marxista”, marcaria a própria natureza da produção capitalista: o capital exige o emprego de um elevadíssimo número de trabalhadores, justamente com o objetivo de extrair em grande volume a mais – valia. Essa característica genérica da produção industrial teria permitido também um desenvolvimento importante da luta capital x trabalho, na medida em que poderia levar a um fortalecimento da atividade sindical e, ao mesmo tempo, dos partidos ligados aos interesses da classe trabalhadora.

Chegamos todavia aos anos 80 e a seu revolucionamento tecnológico fundamental na esfera produtiva: a nova automação, de base microeletrônica. Esse revolucionamento dos processos de trabalho industrial vai significar uma “explosão” da grande indústria “taylor – fordo – marxista”, na direção da “unmanned factory”, dotada de elevado grau de prescindibilidade do trabalho vivo imediatamente aplicado à produção. Se a revolução tecnológica das últimas décadas do século XX “explode” o paradigma taylorista – fordista, que ilustraria à perfeição todas as características apontadas por Marx para a natureza especificamente capitalista dos processos de trabalho, é totalmente coerente a afirmação de Augusto Marzagão, realizada em artigo no qual comenta o conhecido livro O Horror Econômico, de Viviane Forrester:

*“Na opinião de Viviane Forrester, passamos a viver um tempo em que o trabalho não tem mais quase nenhum poder de pressão sobre o capital, pois este precisa cada vez menos do trabalho humano. Os trabalhadores nem mesmo encontram interessados em explorá-los, vendo então ser virada pelo avesso a teoria marxista” (MARZAGÃO, 1997)*

Ora, se a grande indústria taylor – fordista é também a grande indústria marxista, essa afirmação é, como já dissemos, totalmente coerente. Alguns desdobramentos do movimentos de “explosão” da grande indústria taylor – ford – marxista são extremamente importantes. Em primeiro lugar, temos o esgotamento da análise de Marx do processo de trabalho capitalista, fato comprometedor de toda sua obra teórica. Se o modo de produção capitalista continua, e a teoria marxista do processo de trabalho capitalista – que teria atingido seu ápice com a caracterização da grande indústria taylor – fordista – fenece, então a análise marxista do capitalismo não teria sido tão percuciente, lembrando o adjetivo dado a ela recentemente, em entrevista, pela Prof<sup>a</sup>. Maria Isaura Pereira de Queiróz. Evidentemente, uma análise percuciente do modo de produção capitalista não pode prescindir desse momento teórico fundamental constituído pelo entendimento de suas bases técnicas, da natureza de seus processos produtivos.

O outro desdobramento, estreitamente amarrado ao primeiro, é constituído pelo surgimento de uma postura desesperançada e saudosista do fordismo por parte dos críticos do capitalismo. Em primeiro lugar, sobrevem a questão crucial do agente da transformação social. Ora, se a grande fábrica taylor – fordista representava a manifestação da visão marxista da grande indústria, então ela representaria também a “ponte” que levaria do capitalismo desenvolvido para o socialismo, a partir da ação política do “mass – collective worker”. O progresso técnico “explodiu” essa ponte, levando a uma grande desesperança, à perda de referências fundamentais da transformação social. Atrelado a isto, observa-se em vários autores uma postura saudosista: as coisas caminhavam bem (fase fordista) e, de repente, sobreveio uma grande perda de perspectivas em relação ao futuro. Essa postura acha-se ilustrada de forma feliz no título dado por Jorge Mattoso a um de seus livros: A Desordem do Trabalho (MATTOSO, 1995).

Algumas saídas pouco felizes foram propostas no sentido de salvar a análise marxista:

Em primeiro lugar, um “desvio do olhar” da realidade da “unmanned factory”, evitando olhar para essa coisa assustadora, estranha e extremamente preocupante, negando até mesmo sua possibilidade. Alguns, como Ricardo Antunes, afirmam que o capitalismo não pode prescindir do trabalho vivo imediato, como se fosse uma coisa atávica: ele não pode porque isto não lhe faria bem (ANTUNES, 1995). Esta afirmação é ilustrada pelo “desvio do olhar” para

realidades muito distantes do “locus” mais avançado do desenvolvimento das forças produtivas: para, por exemplo, o conhecido “fordismo periférico” de Alain Lipietz (LIPIETZ, 1988). Dirige-se o olhar, portanto, para a realidade dos processos de trabalho nas indústrias de exportação dos sub-tigres asiáticos que, como sabemos, realizam um processo de super-exploração da força de trabalho.

Uma outra tentativa de salvar a análise marxista implica na manutenção a qualquer preço da noção de desqualificação, mesmo depois do revolucionamento da base técnica a partir da introdução da automação de base microeletrônica. Em texto recente, de resto excelente, de José Ricardo Tauile e Luiz A. E. Faria, explicita-se a idéia um tanto assustadora de que a digitalização desqualifica e homogeneiza o trabalho, seja em caixas de supermercados, em operação de máquinas – ferramenta ou em comando de aviões. (1)

A nosso juízo, o percurso teórico até aqui referido, que levou ao enterro de Marx, está amplamente equivocado. O próximo item deste texto é uma tentativa de refutação desse caminho e de sua substituição.

## **2 Trabalho, progresso técnico e renascimento de Marx no final do século**

O “locus” central da reflexão tem a ver com o conceito de máquina que Marx constrói em O Capital. A idéia fundamental é de que Marx não é Adam Smith. (2) Adam Smith é o teórico por excelência da manufatura; portanto, a desqualificação do trabalho para ele implica em incorporação “massiva” de trabalho simples, parcelado, desqualificado. Em Marx, o que se observa, com a introdução da máquina, é um processo de cientificização, de objetivação do processo de trabalho, que faz com que o mesmo passe a ser uma “aplicação tecnológica da ciência”. Essa noção fundamental de Marx implica no fato de que o trabalho vivo imediatamente aplicado à produção passa a ser “apendicizado”, ou seja, amplamente desqualificado, na medida em que o processo de separação entre concepção e execução teria chegado a um auge, mas – e isto é muito importante – não só desqualificado, como já o era em grande medida na manufatura, mas fundamentalmente supérfluo. A idéia da superfluidade do trabalho vivo constitui uma contribuição fundamental de Marx para o estudo do processo de trabalho tipicamente capitalista. Observa-se, então, com o recurso da maquinaria, aquilo que Marx chamou de “superação da barreira orgânica”, ou seja, uma superação radical do homem como instrumento de produção. A esse

respeito, vale destacar uma frase muito feliz de Marx, quando afirma ser o homem “um instrumento muito imperfeito de produção quando se trata de conseguir movimentos uniformes e contínuos”. Nos Grundrisse, Marx afirma que, a partir da constituição das bases técnicas especificamente capitalistas, o processo produtivo deixaria de ser um processo de trabalho, no sentido de que o trabalho deixaria de ser a unidade dominante.

É a partir dessa reflexão que Marx introduz algo fundamental do ponto de vista de sua contribuição teórica: a idéia da natureza auto-contraditória do capital. Em poucas palavras, ao encetar esse desenvolvimento das forças produtivas, o capital agiria contra seus interesses – em termos de forma social – a mais longo prazo. É sabido que Marx considera o capitalismo um modo de produção brilhante no que diz respeito ao desenvolvimento das forças produtivas, mas ao mesmo tempo considera o capitalismo medíocre enquanto forma social. Uma forma social que se lastreia na exploração do trabalho é immanentemente medíocre. O movimento de desenvolvimento das forças produtivas significa para Marx uma “trombada” futura das potencialidades abertas por esse desenvolvimento com as barreiras postas pela forma social. A proeminência do trabalho morto, ou seja, dos elementos objetivos do processo de trabalho, a objetivação crescente, traria não só desdobramentos importantes de natureza econômica, mas uma perda de sentido histórico da forma capitalista: uma forma social que se alicerça na exploração do homem pelo homem deixa de ter sentido histórico se o processo produtivo deixa de usar o próprio homem.

A partir dessa correta compreensão conceitual da maquinaria, a entrada em cena no século XX do taylorismo – fordismo é, sem dúvida, causadora de perplexidade. Quem estuda o taylorismo observa que, no fundo, o que Taylor tenta fazer é transformar novamente o homem num instrumento de produção, analogamente ao que se havia tentado na fase pré-maquinaria. Essa visão do homem como instrumento de produção magnifica-se no fordismo. Ao encetar sua típica inovação, que é a linha de montagem, Ford não fez outra coisa senão coletivizar o taylorismo, com o recurso fundamental da esteira, que procura resolver o problema tipicamente manufatureiro do transporte. Na verdade, esta grande fábrica fordista, ao invés de significar a indústria por excelência, a forma mais avançada da produção capitalista, significou isto sim uma “reinvenção da manufatura”, uma coisa extremamente atrasada do ponto de vista do ponto de vista conceitual, a despeito de seu imenso sucesso do ponto de vista econômico, produtivo. (3) A colocação de

milhares de trabalhadores, uns ao lado dos outros, fazendo movimentos parciais, de forma alguma ajusta-se à noção marxista de produção à base de maquinaria. Por isso afirmamos acima: Marx não é Adam Smith. A grande indústria fordista não significa, portanto, uma ilustração do conceito marxista de grande indústria; na verdade significa sua negação.

Vale destacar que, embora amplamente disseminado, é equivocado considerar a forma de produção fordista como genérica, capaz de dar conta de uma maneira geral da atividade industrial capitalista ao longo do século XX. Ela é extremamente importante, mas não é generalizável; não se pode estendê-la, por exemplo, para os casos das indústrias têxtil e de fluxo contínuo, que há muito tempo se ajustaram à produção automatizada (4). O caminho do taylorismo–fordismo significa na verdade um “desvio mediocrizante” do capitalismo no que se refere ao desenvolvimento das forças produtivas, amplamente vinculado à indústria metal-mecânica. Afinal, não é nada brilhante colocar o ser humano em atividades sem conteúdo, e medir seus tempos e movimentos como um instrumento de produção, assim como não é nada brilhante colocar milhares de pessoas, umas ao lado das outras, fazendo movimentos repetitivos. Isto não tem nada a ver com a utilização da ciência como força produtiva, não faz jus à colocação de Marx do brilhantismo do capitalismo quanto ao desenvolvimento das forças produtivas. Esse “desvio mediocrizante” do capitalismo significou uma harmonização preocupante entre a mediocridade das forças produtivas e a mediocridade da forma social. Se é assim, será que a grande indústria taylor – fordista (não mais taylor–fordo–marxista, mas apenas taylor-fordista) merecia ter sido vista como a “ponte” que poderia levar do capitalismo desenvolvido para o socialismo?

Como já vimos, a nova automação, de base microeletrônica, “explode” esta forma de produção, não genérica, mas localizada principalmente na grande indústria metal-mecânica, fundamental em todo o processo de acumulação de capital ao longo do século XX. Essa nova automação significa uma abrupta, concentrada no tempo, recuperação do capital de seu brilhantismo quanto ao desenvolvimento das forças produtivas. Portanto, ao invés de dizer, como Augusto Marzagão, que a “explosão” da grande indústria taylor–fordista significa o enterro da análise marxista, devemos, pelo contrário, considerar que ela significa o renascimento da análise marxista. Isto porque chegaremos, de forma genérica, homogênea a toda atividade industrial, a um elevadíssimo grau de cientificização dos processos

produtivos. A produção será, então, em todas as esferas da indústria, uma “aplicação tecnológica da ciência”, exatamente como afirmara Marx. Isto implica na volta triunfal da questão crucial para Marx da contradição entre forças produtivas e relações de produção, posta pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista. Essa “capacidade” do capital de se mover de maneira auto-contraditória é negada pelo taylorismo-fordismo. O taylorismo-fordismo nega a contradição entre forças produtivas e relações de produção. A constituição de “macro-fábricas”, empregando milhares de trabalhadores parciais, desqualificados, seria a forma do capital se eternizar, seria a eternização da forma social capitalista, pois a função social do capitalista estaria preservada. O contrário ocorre quando o capital “explode” a base taylor-fordista e avança pelo seu caminho inexorável de desenvolvimento das forças produtivas, pois aí ele caminha no sentido da negação da sua natureza.

## NOTAS

- 1 A visão que nos parece correta do processo de desqualificação do trabalho ao longo do desenvolvimento tecnológico em Marx encontra-se desenvolvida em *Automação e Trabalho: Marx igual a Adam Smith?* (MORAES NETO, 1995)
- 2 Esta é a idéia central do artigo *Automação e Trabalho: Marx igual a Adam Smith?* (MORAES NETO, 1995)
- 3 Esta idéia acha-se desenvolvida em Marx, Taylor, Ford: as forças produtivas em discussão (MORAES NETO, 1989)
- 4 Este ponto está desenvolvido em *Fordismo e ohnoísmo: trabalho e tecnologia na produção em massa* (MORAES NETO, 1998) e também está presente, ainda que de forma pontual, em WILLIAMS, CUTLER, WILLIAMS e HASLAM (1987)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo, Cortez, 1995.
- CORIAT, Benjamin. Ciencia, tecnica y capital. Madri, H. Blume Ediciones, 1976.
- FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.



- LINHART, Robert. Lenine, os camponeses e Taylor. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977.
- MARX, Karl. O Capital. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- MARX, Karl. Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse), 1857-1858, 7ª ed., México, Siglo Veintiuno, 1978.
- MARZAGÃO, Augusto. O horror dos excluídos. Folha de São Paulo, 4/09/1997.
- MATTOSO, Jorge. A desordem do trabalho. São Paulo, Scritta, 1995.
- MORAES NETO, B. R. Marx, Taylor, Ford: as forças produtivas em discussão. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.
- MORAES NETO, B.R. Automação e trabalho: Marx igual a Adam Smith? Estudos Econômicos, IPE-FEA/USP, janeiro-abril, 1995.
- MORAES NETO, B.R. Fordismo e ohnoísmo: trabalho e tecnologia na produção em massa. Estudos Econômicos, IPE-FEA/USP, vol. 28, nº 2, 1998.
- MURRAY, Fergus. The decentralisation of production – the decline of the mass-collective worker? Capital & Class, London, 19:74-99, 1983.
- TAUILE, J. R. e FARIA, L. A. E. As transformações do capitalismo contemporâneo e sua natureza na análise de Marx. Revista de Economia Política, vol. 19, nº 1, 1999.
- WILLIAMS, K., CUTLER, T., WILLIAMS, J. & HASLAM, C. The end of mass production? Economy and Society, vol. 16, nº 13, 1987.